

**Baladas e o Mar - Morada de Memórias -  
em *O Canto dos Escravizados*<sup>1</sup>**

Ana Rita Santiago (UFRBA)\*  
ORCID 0000-0001-7639-7321

**Resumo:** Este artigo advém de um mapeamento elaborado sobre autoras moçambicanas, entre 2015 e 2017, de estudos e pesquisas realizados sobre autoria feminina negra no Brasil e em países africanos em língua portuguesa e da experiência leitora de produções literárias de escritoras negras brasileiras e africanas de várias partes do continente africano. A contadora de histórias Paulina Chiziane, romancista moçambicana, destaca-se neste texto, o qual tem como objetivos expor alguns de seus dados (biblio)biográficos, bem como apresentar algumas leituras descritivo-interpretativas do livro *O Canto dos escravizados* (Nandyala, 2018), tendo como ênfase a compreensão dos cantos e do mar como residência e arquivo de memórias.

**Palavras-chave:** canções; mar; memórias; *O canto dos escravizados*

**Abstract:** This article comes from a mapping elaborated on mozambican authors between 2015 and 2017 of studies and researches on black female authorship in Brazil and in african countries in portuguese language and the literary experience of literary productions of brazilian and african black writers from various parts of the african continent. The storyteller, Paulina Chiziane, mozambican novelist, highlights in this text, which aims to expose some biographical of this author, as well as to present some descriptive-interpretative readings of the book *The Song of the Slaves* (Nandyala, 2018), with emphasis on understanding the songs and sea as a residence and archive of memories.

**Keywords:** songs; sea; memoirs; *The singing of the enslaved*

**Resumen:** Este artículo proviene de un mapeo en autores de Mozambique entre 2015 y 2017, de los estudios y la investigación sobre autoras negras en Brasil y los países africanos de lengua oficial portuguesa así como de la experiencia como lector de las producciones literarias de escritoras negras brasileñas y africanas de varios partes del continente africano. La contadora de historias Paulina Chiziane, novelista mozambiqueña, se destaca en este texto, el cual tiene como objetivos exponer algunos de sus datos (biblio)biográficos, así como presentar algunas lecturas descriptivas e interpretativas del libro *El canto de los esclavizados* (Nandyala, 2018), buscando analizar las canciones y la presencia del mar como residencia y archivo de memorias.

**Palabras clave:** canciones; mar; recuerdos; *El canto de los esclavizados*

Recebido em: 03 fev. 2019

| Aprovado em: 30 abril 2019

---

<sup>1</sup> Este texto deriva da pesquisa “A Literatura de Autoria Afro-feminina em Moçambique e na Bahia-Brasil”, desenvolvida no âmbito de estágio pós-doutoral (2016-2017), realizado na Université Paris Descartes – Paris V – Sorbonne, França, e supervisionado pelo Prof. Michel Maffesoli e pela Profa. Ana Maria Peçanha, a qual teve como resultado um cartografia, em construção, de autoras africanas em Moçambique. Essa investigação integra a pesquisa, em andamento, “A Literatura Afro-feminina em Trânsito: África Portuguesa e Bahia – Brasil” (2015-2020), vinculado ao Grupo de Pesquisa “Linguagens, Literaturas e Diversidades” (CNPQ-UFRB).

\* Doutora em Letras e Linguística e professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: anaritasilva@edu.br.

## Introdução

A elaboração de uma cartografia literária produzida por mulheres de Moçambique não tem sido uma tarefa fácil e sem complexidades aos(as) estudiosos(as) de literaturas africanas em língua portuguesa, visto que a ‘naturalização’ do gênero dos poetas e romancistas, também na Ilha de Moçambique, das águas turvas e cinzas, mas também cristalinas e límpidas, tem uma predominância masculina, imperando, também nas Letras, a prevalência patriarcal. Ainda que a poeta Noémia Souza seja considerada a *mãe dos poetas moçambicanos*, prepondera, no país, a referência de identidade autoral masculina. São os homens que mais escrevem, publicam e usufruem mais notoriedade.

A invisibilidade de nomes de escritoras em Moçambique e a pouca valorização de suas tessituras, normalmente consideradas de pouco valor estético, favorece o silenciamento de suas vozes autorais e o cerceamento de sua escrita literária. Lá, também, ecoam e emergem os célebres questionamentos quando a autoria feminina é um dos desassossegos investigativos: As mulheres escrevem? Ao invés de quê mulheres escrevem? O quê, por que e como escrevem? Como publicam e circulam suas obras?

O alto índice de analfabetismo; a ausência de políticas públicas em favor dos Direitos Culturais e do Patrimônio Cultural; a falta de bibliotecas, de planos, programas e ações institucionais de acesso ao livro e de incentivo à leitura e à escrita; a não democratização dos bens culturais e da educação; a inexistência de políticas editoriais; e o nível baixo de escolaridade, predominante entre as mulheres, dentre outros elementos associados às desigualdades de gênero, fortalecem o recrudescimento do empoderamento das mulheres, bem como promovem o apagamento da identidade autoral feminina em Moçambique, igualmente, em outras águas do Índico e do Atlântico.

Não obstante essa realidade, muitas mulheres moçambicanas escrevem, mesmo que nem todas participem, satisfatoriamente, de circuitos e projetos artístico-culturais e literários do país. Autoras africanas em Moçambique têm construído, no e a caminho, múltiplos percursos editoriais. Ainda que não de modo equânime, desejável e necessário, várias já conseguem publicar e, de modo criativo e resistente, formar público leitor nacional e algumas (poucas ainda) até internacionalmente.

É preciso compreender a produção literária contemporânea dessas autoras como um projeto integrante da literatura moçambicana, através do qual se gestam palavras e narrativas (en)cantadas, comprometidas não tão somente com a fruição, mas também com modos criativos e discursivos de (re)invenções e mobilizações de existências e identidades. Ao visitarmos suas tessituras constatamos que *seus passos vêm de longe!* Noémia de Sousa, Lina Magaia, Josima Machel, Fátima Langa, dentre outras, fizeram suas travessias literárias em prol da libertação do jugo da dominação colonial portuguesa e da formação da nação, além de forjarem pontes, também literárias, valorizando paisagens, cores, cheiros, narrativas, cosmogonias, repertórios culturais e histórias locais.

Lília Momplé, Paulina Chiziane, Isabel Ferrão, Felismina Velho, Sónia Sultuane, Tânia Tomé, Cri Essencia, Rosa Langa, Sara Rosário, Lica Sebastião, Lídia Mussa, Isabel Ferrão, Isabel Gil, Nilzete Monteiro, Npaiy, Énia Wa Lipanga, Rosa Isabel Maiòpué, Henriqueta Macuácuá, Hirodina Joshua, Dama do Bling, Donia Tembe, Emília Alexandre, Eunice Matavele, Amilca Ismael, Carla Soeiro, Clarisse Machanguana, Cláudia Constance, dentre outras, inscrevem suas identidades autorais, em construção, a trilhar caminhos, desenhando atravessamentos e criando pontes para um pulsante crescimento e fortalecimento da dicção literária de mulheres em Moçambique.

A contadora de histórias Paulina Chiziane destaca-se, neste texto, que tem como objetivos expor alguns dados (biblio)biográficos dessa autora, bem como apresentar algumas leituras descritivo-interpretativas do livro *O Canto dos escravizados* (Nandyala, 2018),

sua décima quarta e última obra publicada, tendo como ênfase a compreensão e análise de alguns hinos e do mar como morada de memórias.

Paulina Chiziane é a escritora moçambicana, atualmente, não só com maior número de obras publicadas em prosa, no seu país e no exterior, mas também é a romancista que mais se destaca no tocante ao projeto literário arrojado, que se funda e se sustenta em bases culturais, em ondas de Moçambique e do Índico, mas que se alarga por outras águas e se intersecciona por outras fronteiras e territórios identitários e geográficos. Sem matiz autoritário, tensiona a dominação cultural ocidental e as faces do eurocentrismo em Moçambique, mesmo após a independência, apesar dos focos narrativos mostrarem-se indignados e questionadores com traços culturais que ameaçam a dignidade humana, bem como com a clandestinidade e condenação de práticas culturais e religiosas tradicionais de Moçambique.

### **Paulina Chiziane: uma contadora de histórias e memórias**

Dizem que sou romancista e que fui a primeira mulher moçambicana a escrever um romance (*Balada de amor ao vento*, 1990), mas eu afirmo: sou contadora de estórias e não romancista.

Escrevo livros com muitas estórias, estórias grandes e pequenas. Inspiro-me nos contos à volta da fogueira, minha primeira escola de arte (Paulina Chiziane, 1990).

Paulina Chiziane nasceu em 4 de junho de 1955, em Manjacaze, província de Gaza, em Moçambique, onde se falam as línguas Chope e Ronga. Aprendeu a língua portuguesa em uma escola de uma missão católica. Cresceu nos subúrbios de Maputo. É filha de uma família protestante, mas não foi batizada em algum segmento religioso do cristianismo. Começou os estudos de Linguística na Universidade Eduardo Mondlane, mas não concluiu o curso. Foi membro ativo da FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique –, através da qual foi militante política durante a juventude. Ao se afastar da vida política, iniciou, em 1984, sua carreira como escritora, publicando contos na imprensa moçambicana.

A autora recebeu, em Moçambique, o “Prêmio José Craverinha”, em 2003, pela obra *Niketche*: uma história de poligamia. Foi candidata ao Prêmio Nobel da Paz, em 2005, em reconhecimento à sua obra literária comprometida com a justiça e a igualdade. Foi também, nesse ano, nomeada uma das mil mulheres pacíficas do mundo. Tais iniciativas foram promovidas pelo Movimento Internacional de Paz *One Thousand Peace Women*.

Paulina Chiziane é uma “contadora de estórias, africana e negra”, como ela autodenomina. Com a tradição oral e suas experiências políticas, ela inventa histórias marcadas pelo passado histórico colonial e pela pós-independência. Versa, em suas narrativas, sobre temas conflitantes, tais como mono e poligamia, a situação de dominação de mulheres moçambicanas, sobretudo as pobres e negras, curandeirismo, mediunidade, práticas espirituais tradicionais em Moçambique e religiosas ocidentais, dentre outros. Seus romances e contos tratam de vivências tradicionais do povo moçambicano, mas que se expandem a outras partes e territórios do continente africano, retratando a África do passado e do presente e integrando representações e ficcionalizações da oralidade na escrita literária.

*Balada de amor ao vento* (2003), primeira obra da autora, descreve o estatuto do eu feminino em uma sociedade africana patriarcal e poligâmica, localizada em Gaza, no Sul de Moçambique, descortinando horizontes de uma das muitas culturas africanas. A estrutura central desse romance é composta pelos personagens rei Mambone, Sarnau e Mwando, esses dois últimos são os protagonistas da história de amor. Da juventude à idade adulta,

constituem-se em um casal amoroso e cumprem seus dias, meses, anos, com encontros e desencontros, separação, desespero, sofrimentos e alegrias. Uma voz feminina, a personagem narradora Sarnau conta, em tons lírico e dramático, com uma linguagem simples e estrutura sintática linear, a história de sua vida, permeada pela tradição – a poligamia – e pela cristianização e institucionalização da nação – a monogamia –, utilizando-se de metáforas entrelaçadas com a cor e cultural local e os sentimentos deles de amor e paixão. A trama se desenrola na medida em que a poligamia, os conflitos culturais e religiosos impedem, apesar do amor e da paixão, que os dois permaneçam juntos.

A saudade impulsiona o desejo e a necessidade da personagem-narradora de contar a sua história de amor. Ora de modo dramático ora lírico, aparecem, na narrativa, relações familiares e culturais, relações com a natureza e com a espiritualidade aparecem, permanentemente, interseccionadas. Com isso, a autora aponta possíveis interferências, para o bem e para o mal, do cristianismo, acima de tudo do catolicismo, nos valores culturais, morais e nos costumes locais, já que Mwando, como membro da Igreja Católica, não pode aceitar a poligamia.

Ao narrar sobre o casamento de Sarnau, a história indica, inclusive, situações de subjugação a que se submetem mulheres moçambicanas, e as condições de dominação patriarcal em que elas vivem. Além disso, aponta que, em Moçambique, ainda persistem a poligamia, o lobolo<sup>2</sup>, a violência contra as mulheres e outras formas de sujeição feminina. Embora Sarnau tenha um perfil corajoso, humilde, determinado, firme, fiel, mesmo em condições adversas ao amor romântico, não consegue evitar o abandono do seu primeiro e único amor. Casa-se com o rei, mas não convive com ele por muito tempo. Foge. Reencontra-se com seu grande amor, contudo, ao ser novamente abandonada por ele, por conta de desencontros culturais e espirituais, vê-se obrigada a se submeter à prostituição e à marginalização para adquirir fundos a fim de devolvê-lo o valor referente ao lobolo.

Essa obra possibilita pensar sobre o amor figurado e ficcionalizado por Paulina Chiziane, visto que, no desenrolar da trama, o amor se apresenta longe de características convencionais do amor romântico e imbuído de riscos, disputas, tradições, rupturas e até de desamores. É possível com a leitura de *Balada de amor ao vento* atravessarmos oceanos e conhecermos alguns aspectos da tradição oral e histórica de Moçambique, seus costumes e hábitos. É provável também constatar uma escrita que se quer como paisagem local e em ruptura com olhares etnocêntricos e falocêntricos.

Em *Ventos do Apocalipse* (2006), segundo romance da autora, o narrador onisciente, um contador de histórias, recorda-se de um tempo vivido, apresentando histórias que se interrelacionam e estão imbricadas em suas lembranças. Através delas, inventa histórias e reconta outras, tendo em vista processos de ensino e aprendizagem, peculiares à tradição oral. Embora seja sinalizada sua individualidade, seu perfil é coletivo desde o início da narrativa (FONSECA, 2015).

*Karingana wa karingana, era uma vez*, é um dos modos de se contar histórias em Moçambique, também presente nas histórias infantis da escritora moçambicana Fátima Langa e em narrativas de diversos autores desse país, como José Craverinha. *Karingana wa karingana* aparece, logo no começo da narrativa, que se divide em três partes, para delimitar o seu contexto cultural, o uso do recurso metalinguístico e acentuar a presença das micronarrativas na estrutura do romance (FONSECA, 2015, p. 152). A repetição, como traço da oralidade, também é nele recorrente. Essa narrativa expõe o horror da guerra civil (social, religioso e político) entre os partidos FRELIMO e RENAMO e as dificuldades enfrentadas pelo sujeito feminino no universo patriarcal, em Moçambique. Recria,

<sup>2</sup> *Lobolo* é uma prática cultural tradicional, um costume é cultivado até hoje no Sul de Moçambique. Segundo essa tradição, a família da noiva recebe dinheiro pela perda que representa o seu casamento e a ida para outra casa. Dinheiro ou conjunto dos bens é pago pelo noivo à família da noiva quando ocorre o pedido de casamento. É uma espécie de dote.

ficcionalmente, o cenário dantesco dessa guerra, agravado pela seca, e desvela a face recrudescida dos povos de Mananga e Macuáca, ambos violentos, vítimas da fome e morte, mas plenos de esperança por dias de paz (OLIVEIRA, 2013).

A obra narra a história de Mananga, que sofre com a seca, a fome e a guerra. Ficcionaliza o período pós-independência, em Moçambique, quando a euforia da libertação é cerceada pela desilusão e disputas políticas e por poder. Assim, o narrador, semelhante à autora, em um tom questionador, encena o desencanto do povo moçambicano em detrimento do desencanto e decepção que o atingem mediante o rumo da nova pátria, sob o ponto de vista daqueles que foram obrigados a migrar em busca de terras mais pacíficas e seguras, promovendo o êxodo, protagonizado pelos sobreviventes de Mananga.

A narrativa evidencia, ainda, o amor gerador de resistência e força que o povo moçambicano tem pela vida e a liberdade, tornando-se o eixo principal para a conquista de sonhos individuais e coletivos. É construída entre a oralidade do cotidiano e a língua portuguesa e se constitui em um espaço de reescrita da nação e abertura do outro, para que, ao menos na literatura, haja ventos de mudança (COSTA, 2009). Assim, *Ventos do Apocalipse* não apresenta somente as mazelas da guerra e da pós-independência. É possível identificar, pois, nuances de esperança diante da situação tão desoladora narrada, acompanhada de reflexões críticas acerca do contexto sociocultural e político de Moçambique. Sinaliza, inclusive, o engajamento da escritora na reconstrução do país, quando atribui importância a aspectos como a história, o papel da mulher, a oralidade e o corpo.

*O sétimo juramento* (2000), terceira obra da autora, retoma, como uma das constantes preocupações e, quiçá, compromisso social de Paulina Chiziane, a encenação do eu feminino (MATA, 2011). A história transcorre em um cenário urbano e tem como foco a narração de um ritual de iniciação masculina. Na trama, entretanto, as personagens femininas transitam entre o objeto de prazer e de troca e o auto-empoderamento. Unidas, revertem a posição de subalternidade de algumas delas, tornando-se sujeitos de seus processos de emancipação. Neste sentido, o romance, além de se referir às condições de existência e de dominação da mulher no espaço urbano, encena também suas estratégias de sobrevivência e resistência.

Nesse romance, há a descrição de uma sucessão de peripécias, aventuras e desventuras (MATA, 2011) em torno de David, personagem principal, moçambicano, de cultura urbana, com situação econômica estável e consolidada. Ele faz uma viagem para recorrer à prática de feitiçaria para ascender politicamente. Em troca, ele oferece a família ao curandeiro e faz o sétimo juramento: a feitiçaria, para alcançar suas ambições e pretensões políticas. No desenrolar da trama, evidenciam-se mitos, lendas, histórias, próximas do realismo fantástico e do insólito. Assim, o maravilhoso, dramatizado pelo narrador, que se apresenta performático e também onisciente, desponta com descrições minuciosas de mitos, costumes, comportamentos, crenças, diversos rituais, provérbios, superstições etc.

*Niketche*<sup>3</sup>: uma história de poligamia (2009) é a quarta obra da autora. A narrativa, mais conhecida e traduzida em vários idiomas, retrata a polêmica e controversa legitimidade da poligamia masculina, a que mulheres eram e algumas ainda são, muitas vezes, submetidas em várias regiões de Moçambique. O romance tem como referencial a mulher e principal personagem que fez da oralidade um instrumento de aprendizagem. Há uma síntese ficcional, na narrativa, da vida da mulher moçambicana do sul, centro e norte de Moçambique, em seu cotidiano, principalmente, no matrimônio, relatando infelicidades e lamúrias. Rami é a personagem principal e narradora do romance, casada há vinte anos com Tony, alto funcionário da polícia, de quem tem vários filhos. Ela descobre que seu

<sup>3</sup> O termo *Niketche* refere-se a uma dança tradicional de amor e erotismo do norte do país, onde as mulheres expõem seus sentimentos ou emoções através da dança ou desfile, comumente, no 40º dia, após a morte de um marido (BAHULE, 2013).

esposo é polígamo. Diante disso, o seu casamento torna-se um irônico drama em que ela é apenas uma das personagens. Em uma procura ansiosa e angustiante, abandonada pelo marido, Rami obriga-se a conhecer as outras esposas do seu marido.

A narrativa instiga os leitores a pensar sobre a situação e a história das mulheres em Moçambique, uma pátria, oficialmente, monogâmica, a partir dos trânsitos, rumos, experiências e conflitos vividos por Rami, ao rejeitar a poligamia como exercício cultural e os papéis sociais atribuídos à mulher de seu país. Sem visão maniqueísta, ou a monogamia ou a poligamia, o romance nem reitera nem absolve a sua existência. Promove, sim, um debate de seus transcurtos, implicações e consequências, trazendo à tona choques entre repertórios culturais locais, ocidentais e cristãos, semelhante aos de *Balada de amor ao vento*.

A autora constrói o seu mosaico narrativo, como ocorre em outras obras, com a recontação de histórias orais, relacionadas ao feminino, com lirismo e leveza, mas também contundência, consubstanciada pela reiteração da reflexão sobre a dominação feminina em seu país e pela criticidade mediante a política, culturas e sociedades de sua jovem nação.

O *Alegre Canto da Perdiz* (2010), romance situado no passado colonial, revisita alguns mitos africanos de origem matrilineal. A narrativa, nesse sentido, retoma a história da África, quase em um tom reivindicativo, a premissa de que o continente africano é o ventre da humanidade e alvitra a organização social de algumas sociedades africanas e, mais especificamente, de algumas regiões de Moçambique, cujas bases são a matrilinealidade e a matrilinearidade. Nessa perspectiva, as personagens, acima de tudo, as femininas, Maria das Dores, Jacinta, Delfina e Serafina, são tecidas em suas descendências e ascendências, tendo como princípio a África como origem do mundo e útero da humanidade.

O enredo da obra conta a história de Maria das Dores, desde o relacionamento desarmônico de seus pais; de Delfina, mulher muito bonita e assediada por José dos Montes, até a sua busca pelos seus filhos perdidos durante a Guerra Civil ocorrida na Zambézia. Destaca-se a figura de Maria das Dores no livro, uma vez que demonstra a liberdade feminina usurpada das mulheres pelos homens e o sofrimento de uma mulher negra em uma sociedade organizada desigualmente em relação aos gêneros e à raça. A sua trama se constrói com o uso de metáforas e metalinguagem, dentre outras figuras de linguagem, tendo como pano de fundo as diversidades étnicas, culturais e sociais que se articulam e também se hibridizam.

O livro *As heroínas sem nome*, organizado juntamente com a escritora angolana Dya Kasembe (2009) e prefaciado por Eunice Inácio, gestora do Programa de Paz e Cidadania, de Angola, é um livro de memórias e reúne pequenas narrativas de mulheres angolanas que sobreviveram à guerra, por elas mesmas contadas. É resultado de um trabalho multidisciplinar e registra entrevistas realizadas com mulheres das províncias de Angola: Bié, Cabinda, Huíla, Kwanza Sul, Luanda e Malanje. São oitenta narrativas que dão voz às mulheres que pertenciam aos dois lados da guerra civil, sem identificar o lado da guerra, do qual as memórias pertencem.

*Na mão de Deus*, organizado em coautoria com Maria do Carmo da Silva, prefaciado pelo escritor Calane da Silva, na primeira edição (2012), e Hélder Nhamaze, na segunda (2016), aborda, sem preconceitos e temeridades, a realidade mediúnica e relata a experiência de um internamento em uma ala psiquiátrica de um hospital. É uma narrativa autodiegética em que Alice, narradora-personagem, descreve os dramas e sintomas físicos e psíquicos que a levaram ao tratamento psiquiátrico. Conta também sobre o aparecimento de sua mediunidade e das dificuldades por ela enfrentadas, consequências da incompreensão de seus familiares e amigos que o tratavam, medicamente, como se fosse uma mera doença mental.

Através do relato rico e minucioso de Alice, como aponta Calane da Silva, no prefácio da primeira edição (2012), a narrativa apresenta o que aconteceu com a autora Paulina Chiziane, durante a semana em que esteve internada em uma ala psiquiátrica, em

2010, evocando todo o drama que declara ter vivido, desde as perturbações físicas e psíquicas, às “visões e vozes de entidades espirituais que se manifestavam de diferentes formas”. Para Hélder Nhamaze, em seu prefácio, a relevância dessa obra se estabelece, na medida em que expõe a vulnerabilidade a que estamos todos submetidos, visto que ficamos “[...] à deriva e com poucas certezas sobre o rumo a seguir [...]” (NHAMAZE, 2016, p. 7), peculiar às inerências da tradição, da modernidade e também das vicissitudes da contemporaneidade. Assim, o romance convida os (as) leitores (as) a refletir sobre a matriz africana, evocando a ancestralidade e modos de se lidar com ambientes físico e metafísico (NHAMAZE, 2016).

Em *As andorinhas* (2013), oitava obra, a escritora conta a história de três personalidades, promovendo um debate sobre o passado e o presente em Moçambique. Com a leitura de Chitlango, o Filho do Chefe, de Eduardo Mondlane; também motivada pelas lendas à volta da figura do último rei de Gaza, Ngungunhana; e pela trajetória de Lurdes Mutola, a menina de ouro, como é conhecida, Paulina Chiziane tece as pequenas narrativas da obra. Assim o livro reúne uma trilogia de contos que faz uma abordagem sobre a vida e a obra de Eduardo Mondlane, Ngungunhana e Lurdes Mutola, com o intuito, segundo a autora, “[...] de compreender o Moçambique de hoje, em parte, por influências do que aconteceu no passado” (CHIZIANE, 2013).

Em *Por quem vibram os tambores do além?* – biografia do curandeiro Rasta Pita (2013) a autora, em coautoria com o médico tradicional Rasta Pita, dá continuidade a uma discussão já iniciada no romance *Na mão de Deus*. Para tanto, narram eventos e visões que se originam em uma dimensão sobrenatural e apresentam uma realidade sobre a qual a sociedade tem vários questionamentos, conduzindo o(a) leitor(a) a refletir sobre práticas e tradições africanas, tais como o curandeirismo e a espiritualidade e seus respectivos conceitos, crenças, sistemas de pensamentos e visões do mundo. Com o intuito de promover a valorização da africanidade e a libertação espiritual do continente africano, em especial, de Moçambique, nesta obra os autores, baseando-se em fatos do período colonial, com pouca ficcionalidade, apresentam uma escrita contemplativa e reflexiva.

*Eu, mulher... por uma nova visão do mundo*, décima obra, foi publicada no Brasil pela editora Nandyala, em 2013. É um ensaio de Paulina Chiziane, de 1992, publicado, inicialmente, em meados de 1994 por iniciativa da UNESCO, no período dos preparativos da “Conferência Internacional sobre a Mulher, Paz e Desenvolvimento”, realizada em Pequim, em 1995.

*Ngoma Yethu - O curandeiro e o Novo Testamento*, de 2015, produzido em coautoria com a curandeira Mariana Martins, resulta de uma pesquisa social realizada pela romancista sobre possíveis intercessões entre o curandeirismo e o cristianismo, temas já retratados em suas obras *Na mão de Deus* (2016) e *Por quem vibram os tambores do além?* – biografia do curandeiro Rasta Pita (2013). No prefácio da primeira edição, Rosita Alberto Valoi (2015) considera *Ngoma Yethu* um importante chamado à reflexão sobre o cristianismo europeu e o curandeirismo africano. A narrativa valoriza os saberes de curandeiros e expõe sobre temas caros, controversos e polêmicos.

*O canto dos escravos* e *O canto dos escravizados*, publicados, respectivamente, em 2017, pela editora da autora, Matiko e Arte, Lda, em Maputo, e, em 2018, no Brasil, pela Nandyala, são narrativas, ou textos em versos, como denomina a autora. São imbuídas ora por durezas, dores e sofreguidões, por vezes, intragáveis, ora por esperança, fé, leveza, imagens belas e encantadoras e utopias, também, por vezes, alentadoras, ao redor de temas insípidos para africanos negros em África e nas diásporas como escravidão, colonização, novos modos de colonização, pertencimento africano, resistência, ancestralidade, liberdade, dentre outros.

A maioria dos romances de Paulina Chiziane, principalmente, *O sétimo juramento* (2000) e *Niketshe: uma história de poligamia* (2002), assevera a estudiosa portuguesa Ana

Mafalda Leite: “[...] têm em comum uma crítica incisiva à hipocrisia dos comportamentos da burguesia urbana moçambicana e desvendam os tortuosos procedimentos de uma sociedade, eminentemente, patriarcal” (LEITE, 2013, p. 179). Neste sentido, em uma nuance reivindicativa e expositiva, sua obra aguça o debate sobre a valorização da cultura local; possíveis choques culturais; a importância do continente africano para o surgimento e desenvolvimento da humanidade; patriarcalismo; papéis socioculturais atribuídos à mulher, a poligamia etc. Como se percebe, são recorrentes a reiteração e repetição temática na sua obra, tornando a escrita quase exaustiva, mas nem por isso, menos criativa, atual, importante, emergente, emergencial e necessária.

Como memórias, por vezes, autobiográficas, suas narrativas recontam contos orais tradicionais, anteriores ao período colonial, ora pouco valorizadas ora retomadas no pós-guerra e pós-independência, ou ficcionalizam experiências pessoais que não se esbarram em intimismo, mas se entrecruzam com vivências de outros(as) e(ou) se desdobram em ocorrências sociais e coletivas. Algumas, ainda, se tecem a partir de fatos políticos ou históricos do país, como em *Ventos do apocalipse* (2006). Por e com toda essa gama de motivos, acrescentam-se ainda inquietações, criatividade e aspirações da autora, que, através e com suas histórias e memórias, reitera vivências e repertórios culturais das vidas urbana e rural e retroalimenta sua escritura que se apresenta marcada pela reiteração temática e de argumentos. A recorrência, por exemplo, de temas como curandeirismo, espiritualidade e mediunidade em Áfricas, no que tange ao enredo da trama.

Avulta, inclusive, pelo projeto autoral de contação de histórias, que se consolida por, dentre outros objetivos, provocar reflexões sobre a (re)invenção de identidades moçambicanas, concomitantemente à construção da nação que se quer, simultaneamente, africanizada, cosmopolita e intercultural, além de instigar o enfrentamento de dilemas quase inevitáveis provocados por choques culturais, políticos e religiosos entre Moçambique e a cultura ocidental e de apontar a necessidade de se repensar relações de gênero e na literatura, principalmente, a dominação masculina que ainda permeia a situação das mulheres em várias partes do país.

### **Canções e o mar em *O Canto dos escravizados***

Composto por 105 “textos em versos” organizados em 07 livros, *O canto dos escravizados*, publicado no Brasil, em 2018, pela editora Nandyala, é a décima quarta obra de Paulina Chiziane. Narra, ficcionalizando, percursos de africanos em África e nas Américas no período colonial, subjugados à escravidão, com o intuito de reavivar “a memória coletiva: a *África jamais esquecerá os seus filhos*” (CHIZIANE, 2018, p. 7).

A obra é uma retomada, inventada, da existência do africano negro, da dor e da esperança, através de um diálogo, também inventado, entre o passado, o presente e o futuro como descreve a voz africana não escravizada de “Testamento de um escravizado”, do I Livro – *Testamento*:

Eu sou o teu passado e o teu presente  
Através de ti retornei à vida, ó filho de África  
Porque trazes no sangue a força de todos os escravos  
És tu que vai hastear para sempre a bandeira da liberdade

Escuta a suavidade deste canto de esperança. Serena  
Respira o ar puro do alto das montanhas. Reflete  
Busca inspiração na memória da África e do mundo  
Segura com braços firmes a liberdade que se escapa  
(CHIZIANE, 2018, p. 17).



Com esse clamor, no “Canto”, transitam o ontem, vivido, imaginado e em memórias ancestrais (a escravidão, o período colonial em África) e o hoje, igualmente imaginado e vivido (neocolonialismo, racismo, dominação e transplantação culturais, eurocentrismo, aculturação, práticas de embranquecimento, negação de africanidades etc.) tal qual se apresenta em “Escravidão Abolida”, do Livro V – *Canto de Liberdade*:

Escravidão abolida. Gritos de euforia  
Letras mortas nas cartas de alforria  
Fim do assalto ao continente africano  
Morte da dor e ressurreição dos fantasmas

Quem vai cultivar as plantações de cana-de-açúcar?  
Quem vai lavar a loiça depois da pantagruélica refeição?  
Quem? O antigo patrão, ou as suas ociosas senhoras?

Morreu a escravidão ostensiva, oficial, legal  
Os traficantes de gente organizam-se novamente  
E a escravidão ressurgiu silenciosa, subtil, invisível  
Nos cantos mais sombrios do mundo.

Escravidão abolida?  
Escravidão antiga com nova face  
Vestido novo em corpo velho!  
(CHIZIANE, 2018, p. 116).

O *canto dos escravizados*, narrativa em verso, é um convite ao lamento coletivo e aos cantos de (des)esperança imbuída de durezas, dores e sofreguidões, por vezes, intragáveis, ora de esperança, fé, leveza, imagens belas, encantadoras e utopias, inclusive, por vezes, alentadoras, ao redor de temas complexos como escravidão, colonização, novos modos de colonização, pertencimento africano, resistência, ancestralidade, liberdade, dentre outros. O texto em verso é, como declara a autora em “Versos Escravizados”: “Com estes versos escravizados, remontamos à raiz de todos os conflitos. São versos livres, tristes, alegres, musicados, para ritmar a dança da história” (CHIZIANE, 2018, p. 10).

Nesse “Canto”, as vozes narradoras entoam hinos à África e aos africanos, pondo em cena e em relevância memórias de África e do mundo. Assim, a ficcionalização da “estupidez humana”, como se refere o prefaciador Dionísio Bahule de *O canto dos escravos* (2017) à escravidão e a novos modos de escravização e colonização que forjam memórias que não se esbarram em experiências individuais, mas que se desenham na coletividade, o que faz a África jamais esquecer seus filhos, como assinala a autora na “Dedicatória” do livro.

Passavam em *O canto dos escravizados* diversas vozes narradoras cantantes. A voz de africanos escravizados é apenas uma delas. Eis algumas: *um africano escravizado* em diálogo com um filho de África e a Mãe África (p. 19ss); *escravizado narrador* de suas dores e novos modos de escravização “Dor” (p. 40); “Canto de glória” (p. 32); “Amor e ódio” (p. 54); *escravizado na América* à Mãe África “Meu grito” (p. 41.); *filhos livres e longe de pais africanos* escravizados nas Américas (“Meu grito”, p. 41); *afro-americanos (negros nas Américas)*; *africanos nascidos nas Américas* (“Onde estão eles”, p. 43); (“Desespero” p. 35); *Mãe África* (“Grito de mãe”, p. 42); *africanos nos porões de navios negreiros* (“Tua voz”, p. 33); *um africano velho solitário, ex-escravizado* (“É um filho meu”, p. 44); *um escravizado morto e imortal*, concomitantemente, (“Canção de Amor”, p. 31); *uma sereia negra africana* (“Sereia negra”, p. 53); *africanos livres em busca dos seus pais nas Américas* (“Cantiga do mar”. p. 48; “Descalços seguiremos”, p. 52); *o mar* (“Estrada de dor”, p. 46); e até *um colonizador* (“Desvarios de um colono”, p. 78).

Ao cantar o continente africano, essas vozes rememoram o mundo sobre a escravidão e os africanos escravizados nas Américas:

América!

América!  
És o espaço que faltava para estender-me, florir  
Para expandir-me num novo solo e nova pátria  
És a dádiva que Deus me deu na mais perfeita dor

América!  
És a minha nova África!  
Construí-te com a força dos meus braços!  
(CHIZIANE, 2018, p. 36).

Os “Cantos” entoados por essas múltiplas vozes são odes (e alguns até *Oriki*<sup>4</sup> (em especial, Livro IV - *Transcendência*)) de alegrias, dores, sonhos e honrarias à liberdade. Reúnem inúmeras baladas, ritmadas através do som do tambor:

Toca meu tambor de samba

Toca meu tambor de samba  
E leva saudades à minha mãe África  
Diz-lhe que já não tenho nome, nem terra  
Tiraram-me tudo, mas a minha alma não!

Toca mais alto meu tambor de samba  
Preenche este vazio em me suspendem  
Embala a minha angústia e a minha saudade  
Diz à minha mãe que resistirei, e ao lar voltarei!

Até das tangas fui despojado à espada  
O calor de missangas foi arrancado à bruta  
Diante dos navios da escravatura  
Tiraram-me tudo, mas a minha alma não!  
(CHIZIANE, 2018, p. 34).

São cantos de lamentos, (re) encontros e resistências, asseguram-nos os versos narrativos, não lineares. Ressalto e sintetizo alguns:

1. *O canto de (re)encontro e resistência*. As crises identitárias, a mundialização, as interculturalidades, as práticas de não pertencimento africano, dentre outras, não escoam tão somente na esfera pessoal, ou na memória individual, mas se dão junto com as tramas sociais, coletivas, midiáticas, acadêmicas etc. O (re)encontro com o existir africano, por exemplo, se destaca no Livro III – *Canto de resistência*. *Voltaremos; Descalços seguiremos* (p. 52); *Sereia negra* (p. 53); *Escuta-me* (p. 58); *Somos o primeiro mundo* (p. 62); *Silêncio* (p. 63); *Podes viver sem mim?* (p. 64); *Aqui estamos* (p. 57); *Voltaremos* (p. 51), são alguns dos versos-narrativos:

Sereia Negra

Sou sereia negra e renasci das ondas  
Morri acorrentada no navio e não fui escrava

<sup>4</sup> Os *Oriki* (do yorùbá, *orí* = cabeça, *kí* = saudar) são versos, frases ou poemas que são formados, no Brasil, para saudar o orixá referindo-se a sua origem, suas qualidades e sua ancestralidade.

Danço eternamente no dorso do oceano  
Sou sereia livre cavalgando o mar

O mar, gémeo da lama africana, é a minha morada  
Sempre a dançar e a cantar abominando o infortúnio  
Sempre a vibrar ao sabor dos ventos e das marés  
Sou sereia bela na dança da eternidade

Como uma boa negra, danço em cada instante  
Na celebração da vida, seja de dor ou de alegria  
Agradeço a Deus e nem lamento a vida que perdi  
Antes morta e livre do que viva e escrava

[...]

(CHIZIANE, 2018, p. 53)

2. *O canto à liberdade e à esperança*. No Livro V – *Canto à liberdade*, os textos em versos evidenciam a resistência frente aos novos modos de colonização em África. Esse livro dedica-se à esperança, salientando a África como o futuro do mundo em, dentre outros, *afro-pessimismo*, (p. 56); *Caminha* (p. 60); *Escreve-te* (p. 122):

Aqui estamos!

A nossa existência torna mais sólida a nossa crença:  
Deus existe! Sem Ele sucumbiríamos nas mãos dos negreiros  
Nem a fome, nem a dor e a tortura, exterminaram a nossa raça  
E resistimos à tortura e morte com a força de diamante  
Ensina África, ao mundo inteiro  
Que Deus existe, pelo milagre de escravos espalhados pelo  
[mundo  
Separados, embora nos erguemos num só grito:  
Aqui estamos para lutar e vencer  
E construir a cantar uma África de liberdade  
(CHIZIANE, 1990, p. 57).

3. *O canto à utopia* é uma ode às possibilidades, podendo tornar possível o que é factível. Os cantos inventam possibilidades exequíveis (*As vezes penso* (p. 39)). Há um apelo à África: reconhecer-se e resistir perante a espoliação e o neo-colonialismo (*Olhar para ti* (p. 38)):

Às vezes penso

[...]

Agora penso que um novo mundo vai nascer  
Tanto sofrimento, resisti e resistirei  
Às vezes penso que o mundo será melhor  
E por ele lutarei por toda a eternidade  
(CHIZIANE, 2018, p. 39).

4. *O canto à memória (coletiva) ou de retorno*. Os hinos desafiam ao sinalizar o movimento de retorno: voltar é tomar para si; tomar (tornar) de novo, para (re)tornar-se (nos), coletivamente, às raízes tradicionais africanas, não para procurar origens, mas para procurar e encontrar sentidos e dimensões africanas no aqui e agora, mas tendo em vista o pertencimento a um mundo negado, como se apresentam os versos de *Canto de glória* (p. 32, Livro II – *Canto de dor e desespero*):

## Canto de glória

Canto ao amor à minha amada Pátria  
 O vibrar dos tambores de África desperta-me para a liberdade  
 A dança de sobrevivência afasta, por momentos, a dor de ser  
 [escravo  
 E faz-me enfrentar o abismo com força diamante  
 [...]  
 (CHIZIANE, 2018, p. 32).

5. *Canto de esperança e amor à África*. Não é um canto de lamentações, mas de libertação em que construções discursivas e narrativas forjam (inventam) probabilidades de (re)tornar-se africano(a), de reiteração da importância histórica e atual de Áfricas, tal como se desenha no Livro II – *Canto de dor e desespero*. (*América* (nova África), p.36); *África!* (p.37); *Olha para ti* (p. 38):

## África!

[...]  
 Maltrataram-te, mas não alcançaram a tua essência  
 Desperta, que a tua energia vibra em cada grão de areia  
 Terminou o tempo de dor, és a estrela da nova era  
 Celebra e canta o porvir, porque és o futuro  
 (CHIZIANE, 2018, p. 37).

Esses árias e vozes coadunam-se, intrinsecamente, a nossas vivências, lutas e resistências históricas em nossa diáspora. Aqui e lá estamos em busca da liberdade que escapa e de um dizer de si (nós) para além do passado de escravização e da dominação colonial. Aqui e lá lutamos por tomar nas mãos nossa própria existência, a história (o passado), a busca da liberdade, o porvir, a coragem, a luta, a esperança, a reconstrução da África. Aqui e lá, também entoando baladas, reivindicamos o curso da história e o poder de transitar com dignidade, autonomia, altruísmo e liberdade em África e nas Américas, semelhantes às vozes dos textos-narrativos em versos.

**Mar – morada e guardador de memórias**

Além de tantas vozes narradoras cantantes, outro aspecto que se sobressai em *O canto dos escravizados* é o mar, como morada e guardador de memórias coletivas:

## Estrada de dor

[...]  
 Resido na memória dos meus descendentes  
 No silêncio dos céus e na vibração das ondas  
 Resido no ventre do mar e no azul do horizonte  
 Onde navega a paz do meu espírito  
  
 É belo viver, mesmo depois de morto  
 Mais belo ainda é sorrir depois do grande choro  
 Imortal eu sou, perdi o corpo escravo e mudei de mundo  
 Deram-me a morte à bala, mas ganhei a liberdade dos ventos.  
 (CHIZIANE, 2018, p. 46)

Ao mar é dedicado parte do II livro (p. 45-48), mas ele, ao longo do livro, estampa-se em vários versos narrativos. É figurado e relacionado com imagens, por vezes, duras de imaginar, porém inevitáveis: poderoso; há de tudo; conhece tudo; maior cemitério de África:

Estrada sem rasto

[...]

Mar, estrada sem rasto

Como irei reencontrar os meus ancestrais

Se apagaste as pegadas de toda a gente?

Mar medonho, quantos negros afundaste?

Quantos negros morreram nas tuas águas?

Mar meu, és o mais tenebroso dos túmulos

És o maior cemitério de África

(CHIZIANE, 2018, p. 47).

Nele reside a dor de escravizados e de filhos de escravizados. É uma estrada de pavor e dor:

Estrada de dor

Mar: azul horizonte, azul infinito

A África inteira baila no dorso das tuas ondas

O teu sal, ó mar, são lágrimas de dor

Derramadas pelos cativos em todas as travessias

Mar, estrada de pavor

Engoliste tantas naus, que até perdeste a conta

Mar medonho, matas tudo: marinheiros, navios, escravos

Mar, és um eterno cantador como escravo no porão

És eterno viajante, sempre flutuante, sem território fixo

És mesmo um escravo, que busca a paz entre as marés

Para fixar a âncora e repousar o cansaço da existência

(CHIZIANE, 2018, p. 46).

Desfila o mar também como companhia dos escravizados e aparece, inclusive, como caminho para chegar à América de sofrimento e luta:

Perdido para sempre

Juntei minha voz ao marulhar das ondas

Gritei, chorei e chamei por ti, meu Deus

Para que viesses socorrer da tortura

E me livrar da escravatura

As ondas bailaram e cantaram só para mim

As gaivotas executaram a dança dos céus

[...]

Inveja tenho dos que morreram na travessia do mar

Jamais conhecerão a dor das grilhetas e das correntes

Invejo os que ficaram em África, apesar de colonizados

Porque eu na América me sinto perdido para sempre

(CHIZIANE, 2018, p. 45).

O mar transita em versos narrativos não tão somente como metáfora ou lugar em que se viveu e se guardam fatos, lembranças, atrocidades e mortes, decorrentes da escravidão e do passado colonial. Apresenta-se também como um *lócus* significativo de invenções de memórias de Áfricas e do mundo, além de voz narradora. Suas ondas são companhia na travessia, mediante a solidão, e, ao mesmo tempo, consolo, para os escravizados:

Cantiga do mar

Nas ondas mansas, nas ondas bravas  
No azul celeste, no azul intenso  
Na cor do céu e do horizonte  
Reside a dor da minha alma

Mas, ó mar, estrada do pavor  
Mar, ó mar, consola a minha dor

[...]

(CHIZIANE, 2018, p. 48).

O mar percorre o imaginário de Paulina Chiziane, em *O canto dos escravizados*, arquivando histórias em que habitam heranças históricas e ancestrais que ligam africanos(as) e afro-descendentes nas diásporas aos antepassados(as) africanos(as) escravizados(as), possibilitando-lhes reescrever e ficcionalizar histórias e memórias individuais e coletivas. Nesse sentido, o mar aparece como moradas de memórias, mas também como um baú seguro e quase sagrado, onde residem corpos, lembranças e vozes navegantes, naufragas, memoriais e encantadas, com suas grandezas e mistérios, sedentas de liberdade. O mar, o mar! Além de morada de recordações e histórias, sitia versos narrativos de “O Canto”.

### À Guisa de Conclusão

*O canto dos escravizados* não é um hino de lamentações, mas ode de libertações através das quais se forjam releituras e vozes de (re)encontro, retorno e (re)constituição de Áfricas e africanidades. Nesta perspectiva, esse “Canto” ecoa em nossas lutas e ressoa em nossos sonhos, utopias, distopias e modos de (re) existir e de exercícios de liberdade.

*O Canto* chegou em boa hora, não só em Moçambique, mas também, entre nós, no Brasil, porque se torna um Canto de nossas muitas, amplas e complexas pautas de resistências: Vidas negras Importam! Fim ao extermínio e feminicídio negro! Condições de encarceramento de negros(as)! Juventude negra viva! Estética Negra! Racismo Institucional! Enegrhecimento das universidades em todos seus segmentos! Fortalecimento das comunidades indígenas e quilombolas! Consolidação das artes negras, em especial, da literatura negra e da literatura negro-feminina como práxis de liberdade, escrita, invenção de si e estar neste mundo como africanos(as), negros(as) nas diásporas, através dos Slam, Saraus, publicações, rodas etc.; criação e fortalecimento de empreendimentos negros; combate à LGBTfobia e à intolerância religiosa contra as religiões de matriz africana! Luta pela democracia e por outros mundos possíveis para nós negros(as); e tantos outros enfrentamentos que estão na ordem de nossos dias e existências.

É preciso cantar nossas dores e memórias históricas! Mas é preciso também “levantar”, como já nos advertiu a poeta afro-americana Maya Angelou, seguir outros mares e trilhas e construir outros cantos, pontes e travessias, inclusive literárias, a

reinventar outros mundos possíveis, tatuados, dentre outros, por dignidade, liberdade, alteridade, justiça e equidade, em Áfricas e nas diásporas.

## Referências

- CHIZIANE, Paulina. **Balada de amor ao vento**. Lisboa: Caminho, Prosa, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Ventos do apocalipse**. Lisboa: Caminho, Prosa, 2006.
- \_\_\_\_\_. **O sétimo juramento**. Lisboa: Caminho, Prosa, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_. **O alegre canto da perdiz**. Maputo: Ndjira, 2010.
- \_\_\_\_\_.; KASSEMBE, Dya. **As heroínas sem nome – memórias de guerra e paz das mulheres em Angola**. Luanda: Editorial Nzila, 2009.
- \_\_\_\_\_.; SILVA, Maria do Carmo da. **Mão de Deus**. Maputo: Matiko Editora, 2016.
- \_\_\_\_\_. **As andorinhas**. Contos. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Por quem vibram os tambores do além? – biografia do curandeiro Rasta Pita**. Maputo: Índico editores, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Eu, mulher... por uma nova visão do mundo**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.
- \_\_\_\_\_.; MARTINS, Mariana. **Ngoma Yethu: O curandeiro e o Novo Testamento**. Maputo: Matiko Editora, 2015.
- \_\_\_\_\_. **O Canto dos escravos**. Maputo: Matiko e Arte, Lda, 2017.
- \_\_\_\_\_. **O Canto dos escravizados**. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.
- COSTA, Rosilene Silva da. **Ventos do apocalipse: ventos de mudança em tempos de pós**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, 2009.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literaturas africanas de língua portuguesa**. Mobilidades e trânsitos diaspóricos. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.
- LEITE, Ana Mafalda Leite. **Ensaaios sobre literaturas africanas**. Maputo: Alcance editores, 2013.
- MATA, Inocência. **O sétimo juramento de Paulina Chiziane – Uma alegoria sobre o preço do poder**. *Scripta*. v. 4, p. 187-191, 2001.
- NHAMAZE, Hélder. Prefácio da II Edição. In: CHIZIANE, Paulina; MARTINS, Mariana. 2 ed. **Ngoma Yethu: O curandeiro e o Novo Testamento**. Maputo: Matiko Editora, 2015.
- OLIVEIRA, Adriana Souza de Oliveira. **Ventos do Apocalipse: Mensagens de esperança em tempos de cólera**. *Mulemba*. Rio de Janeiro: UFRJ, V. 1, n. 8, pp. 16-28. Jan-Jul, 2013.
- SILVA, Calane. *Prefácio da I Edição*. In: CHIZIANE, Paulina; SILVA, Maria do Carmo da. **Mão de Deus**. Maputo: Matiko Editora, 2016.
- VALOI, Rosita Alberto. Prefácio da I Edição. In: CHIZIANE, Paulina; MARTINS, Mariana. 2 ed. **Ngoma Yethu: O curandeiro e o Novo Testamento**. Maputo: Matiko Editora, 2015.